

A SOCIEDADE DO FUTURO

Adam Schaff

O novo movimento internacional necessita de uma ideologia — um sistema de valores — que seja aceitável para o homem do presente e do futuro; para o homem da sociedade automatizada

O conhecido cientista Adam Schaff discute nesta entrevista aquilo que ele chama de “a sociedade do futuro” e afirma que, apesar do que se fala sobre o fracasso do socialismo, nunca foi tão necessária a sua existência diante dos problemas que o mundo atual coloca. Diretor da revista *O socialismo do futuro*, Adam Schaff diz que seu objetivo é o de manter uma atitude crítica a respeito do socialismo real e também promover o intercâmbio de opiniões a respeito da prática socialista.

P — Atualmente, o senhor é também presidente da recém criada revista O socialismo do futuro. Por que surgiu a necessidade de fundá-la?

R — O nascimento de uma revista que se converta em uma nova tribuna de discussão é um fenômeno que só parcialmente reflete os profundos processos que estão ocorrendo na Europa. Está surgindo um novo movimento internacional que, recorrendo à linguagem dos teólogos, eu chamaria de social-ecumê-



nico; quer dizer, que assimila diversas forças que têm como direção o socialismo do futuro. Está completamente claro que, durante os próximos 10 ou 20 anos, o desenvolvimento social na Europa Ocidental seguirá o roteiro proposto no informe do Clube de Roma, dedicado aos problemas da revolução na microeletrônica. De acordo com os prognósticos feitos, esta revolução deverá provocar uma radical mudança nos meios de produção e na estrutura das forças produtivas. Vamos ao encontro de um novo tipo de sociedade. Mais do que isto, eu diria, de uma nova civilização.

P — Pós-industrial?

R — Por enquanto, nenhum dos nomes que têm surgido nesta atual onda da revolução tecno-científica da sociedade me satisfaz. Digamos, de acordo com Daniel Bell, que seja pós-industrial. Desde já, a esfera espiritual se ampliará e na vida da sociedade se acrescentará o papel dos conhecimentos, a informação e

os diferentes tipos de serviços. Porém, há que satisfazer, também, as necessidades naturais das pessoas. A produção material será conservada, ainda que mudando substancialmente o seu caráter: ela se robotizará e se automatizará, porém, continuará sendo industrial. Ou, tomemos a concepção de *sociedade tecnocrônica*, de Zbigniu Brzezinski, tão em voga até há pouco. Seu principal enunciado consiste na ausência de qualquer noção sobre o futuro do mundo do trabalho e a imagem do indivíduo social. Porém, talvez o termo mais adequado seja, no meu entender, o de *sociedade informática*, que absorve uma das peculiaridades mais importantes das mudanças revolucionárias que têm lugar atualmente na tecnologia: o fato de que na vida da sociedade a informação

O entrevistado nasceu em Lvov (1913) onde realizou seus estudos universitários e se entregou à atividade revolucionária. Escreveu mais de 40 livros. É co-autor de vários informes do Clube de Roma e pertence à Academia Polonesa de Ciências. Entrevista publicada na Revista Internacional 5 e 6 (1990) e traduzida por Edsel O. Britto.

seja levada a alturas sem precedentes. E quem tiver maior acesso a ela terá o poder real. A informação começará a desempenhar um papel dominante no desenvolvimento social, semelhante ao que tem até agora a propriedade, como instituição. E eu enfatizo: o fator chave da nova sociedade não é a propriedade, mas a informação.

P — No livro Perspectivas do socialismo moderno o senhor propõe o termo automatizada para definir a nova sociedade. Até que ponto ela transmite a característica do futuro?

R — Não existem fórmulas ideais. Porém, na minha opinião, este termo reflete mais plenamente a essência da nova revolução industrial. Se a primeira — fins do século XVIII e começo do século XIX — levou a complementar e inclusive substituir o trabalho físico pela máquina, a atual conduz, a complementar e, melhor ainda, a substituir o trabalho intelectual pelo da máquina. O trabalho direto do homem na produção, tanto manual como intelectual, se tornará desnecessário ou, pelo menos, a sua necessidade será reduzida ao mínimo. Chegaremos a um tal nível de desenvolvimento, que significará o desaparecimento da classe trabalhadora na sua concepção anterior. E este é um dos principais aspectos do futuro. O proletariado será substituído por uma nova classe trabalhadora: a dos cientistas. O mundo do trabalho se tornará criador. Será composto por milhões e milhões de especialistas nas mais diversas ciências e, com pleno direito, poderá aspirar à liderança da sociedade, pois será a fonte essencial e o portador da informação e se converterá na principal força produtiva.

Por certo, a questão do desaparecimento da burguesia será algo mais complexo. Irá mais lentamente. . .

P — Com isto, não está querendo dizer que a tese mais importante do marxismo — a missão histó-

rica da classe trabalhadora — estaria errada?

R — Como é lógico, Marx, nos meados do século passado, não pôde prever todas as particularidades e fatores radicalmente novos que se dariam no desenvolvimento da humanidade, nos fins do século XX e começos do século XXI. A propósito, tão pouco posso imaginar a sociedade do socialismo deformado; seus problemas e suas dificuldades. Ainda que, para dizer a verdade, nos seus *Manuscritos Filosóficos de 1857-1859*, Marx tenha profetizado aquilo que muitos dos seus seguidores atuais não vêem: a inevitabilidade do advento da época da automação, da qual naqueles tempos não existiam sequer indícios. Precisamente nesta época é que será posta à prova a fórmula fundamental do materialismo histórico, de acordo com a qual a transição para um novo meio de produção traz consigo a renovação de toda a sociedade: uma revolução social que modifica de maneira surpreendentemente a imagem do mundo.

O marxismo é uma teoria científica, e seria ridículo pensar que não deve se modificar. Só a religião permanece estática. A teoria, por outro lado, vive graças ao movimento, e contrasta com o tempo. Engels, por exemplo, escreveu uma obra magnífica sobre a situação da classe operária inglesa. Este trabalho conserva sua importância metodológica, ainda que agora a classe operária na Grã-Bretanha seja completamente diferente.

P — Que vínculo existe entre o futuro da sociedade e o socialismo?

R — A nova sociedade será muito rica. Neste sentido, é inclusive difícil compará-la com os países industrialmente mais desenvolvidos da atualidade. Porém, esta sociedade poderá ser democrática ou totalitária, quer dizer, de perfil direitista, pois, agora como nunca são fortes as posições da oligarquia transnacional financeiro-industrial. A questão está, pois, em não permitir o conservadorismo social,

O trabalho direto do homem na produção, tanto manual como intelectual, se tornará desnecessário ou, pelo menos, a sua necessidade será reduzida ao mínimo. Chegaremos a um tal nível de desenvolvimento, que significará o desaparecimento da classe trabalhadora na sua concepção anterior. E este é um dos principais aspectos do futuro. O proletariado será substituído por uma nova classe trabalhadora: a dos cientistas.

ainda que em uma série de casos e por breves períodos, semelhante política — aplicada por Margaret Thatcher, na Inglaterra e por Helmut Kohl, na RFA — tenha tido resultados positivos. É necessário encontrar respostas aos desafios globais que a época estabelece. E só a organização de uma nova sociedade, fundada em princípios socialistas, será capaz de dá-las. Apesar do que se fala sobre o fracasso do socialismo, pela primeira vez na ordem do dia se coloca com tanta agudeza a necessidade de sua existência: isto se encontra condicionado pela revolução tecno-científica e pela acumulação de problemas globais, entre eles, o ecológico e o demográfico, vinculado este último à circunstância de que a população dos países subdesenvolvidos vive na miséria; que num futuro próximo constituirá 85% dos habitantes do planeta.

Porém, cabe perguntar: como será o socialismo do futuro? Dizem que humano, com rosto humano etc. Desde séculos os católicos sonham com uma sociedade semelhante. Um espírito humanista — informa as últimas encíclicas

O novo socialismo virá, porém, sobre bases diferentes.

de João Paulo II, nas quais se fala inclusive de limitar o "sagrado direito da propriedade privada". Na atualidade, não só os social-democratas defendem o socialismo democrático. Porém, deveria por acaso ser outro? Numa palavra, ainda não sabemos o que significa hoje o socialismo. Nossa revista foi criada precisamente para dar resposta a uma pergunta que, depois da Revolução de Outubro, para muitos marxistas parecia ter sido contestada, mas que, na realidade é um modelo de *como não se deve construir o socialismo*. O objetivo da nossa publicação é não só o de manter uma atitude crítica a respeito do socialismo real, mas também promover o intercâmbio de opiniões a respeito da prática socialista. Mas, a revista não será excessivamente acadêmica, pois, repito, está vinculada aos interesses do novo movimento internacional, cujo renascimento só é possível na base da aproximação das duas grandes correntes da esquerda que se separaram no passado: a comunista e a social-democrata. É muito sintomático que o primeiro número de *O Socialismo do Futuro*, o de fevereiro, seja aberto com artigos para cada uma delas, de Mikhail Gorbatchov e de Willy Brandt.

O novo socialismo virá, porém, sobre bases diferentes. Vários partidos comunistas — na maioria, vestígios da Internacional Comunista — têm um grande potencial intelectual. Alguns grandes partidos da Internacional Socialista, por exemplo o Partido Social-Democrata da Alemanha, tem avançado no que diz respeito à compreensão das mudanças sociais relacionadas com a revolução na microeletrônica.

Está surgindo a *sociedade automatizada* e pode-se imaginar nela o sentido da vida das pessoas que não estão ocupadas diretamente na produção. Qual deverá ser o conteúdo do tempo socialmente livre, dos motivos que impulsionam a atividade vital e das iniciativas de milhões de indivíduos que não estão vinculados ao trabalho socialmente necessário? A estas interrogações só o socialismo pode dar respostas construtivas, porém, no que tenha sido edificado, senão o do futuro, pois, só um novo tipo de sociedade e uma nova civilização criarão tais condições para moldar na vida a real democracia e a iniciativa criadora dos seres humanos, mas, devo salientar que existem sérios perigos no caminho para a democracia; o invólucro socialista do novo meio de produção e a nova civilização. Alguns segmentos das classes que estão periclitando, inclusive o proletariado, podem opor resistência às mudanças, encontrando inclusive aliados na burocracia estatal, que irá tratar de conservar suas posições na sociedade. Por esta razão, é necessário um movimento social ecumênico, uma nova internacional, que esteja composta de diversas forças que vinculem o seu destino aos ideais socialistas. E esta internacional já está sendo formada.

P — O senhor disse que a maioria dos partidos comunistas é vestígio da III Internacional. Porém, há muitos partidos da Internacional Socialista que se encontram em crise. Por acaso esta não será também responsável pelo fato de que o socialismo no Ocidente tenha perdido o seu poder de atração?

R — É inquestionável que, depois da Segunda Guerra Mundial, os partidos filiados à Internacional Socialista tenham sofrido uma sensível evolução e, de fato, adquiriram posições liberal-democratas. Todavia, as condições da nova revolução industrial podem ser líderes no mundo ocidental. Os socialistas vivem realmente uma crise, ainda que de natureza diferente

daquela dos comunistas: as massas mantêm sua confiança neles, pois têm feito o bastante para aproximar seus países do socialismo. Porém, estes partidos não foram criados para cumprir diretamente as tarefas socialistas, mas para as eleições, para a luta parlamentar. Agora, é importante que se convertam em forças capazes de dirigir os processos de transformações sociais.

P — Que papel o senhor define para os comunistas? Devem eles se situarem na oposição aos social-democratas, ou serão outras as suas funções?

R — O papel de *parceiros*, para dizer a verdade, ainda que a maioria dos partidos comunistas não estabeleçam contactos conosco. Parece que estariam esperando indicações de cima.

P — Não será porque, hoje em dia, esteja em voga a criação de novas internacionais? Haverá perspectivas para a sua proposta, já que de acordo com sua tese sobre o desaparecimento da classe operária, as bases sociais vão se reduzindo?

R — O número de assalariados continuará sendo considerável, pelo menos durante alguns decênios. Porém, o fundamental não está nisso. O novo movimento internacional necessita de uma ideologia — um sistema de valores — que seja aceitável para o homem do presente e do futuro; para o homem da *sociedade automatizada*. Por hora, não existe essa ideologia, pois alguns partidos têm esquecido o "marxismo", enquanto outros o têm vulgarizado ao extremo, que este perdeu todo o poder de atração. Não se prosseguirá sem uma visão de futuro e dos caminhos para se chegar até ele. E, no cumprimento desta tarefa, está convocado para colaborar com a revista *O Socialismo do Futuro*.

P — Poderia se referir mais detalhadamente a esta publicação?

R — Ela sairá duas vezes por ano e, num futuro próximo, virá à luz na Espanha, França, Itália, RFA e Áustria. Espero que não esteja longe o momento em que seja editada em russo. Na redação, nenhum partido está representado, ainda que façam parte de sua direção destacadas personalidades ligadas a influentes forças políticas européias, como Afonso Guerra, Michel Rocard, Heinz Fisher, Giorgio Napolitano e outros. A revista é financiada por um fundo especial, assinado pelo Partido Socialista Operário Espanhol. Os próximos números refletirão as novas noções acerca do socialismo e serão analisadas as suas ligações com a solução dos problemas globais, etc.

P — O Senhor está convencido de que o socialismo, caminhando por novas vias, obterá maiores vitórias? Como avalia as possibilidades da perestroika?

R — Diante dos países do socialismo real se coloca uma tarefa importante: livrar-se de perigosas deformações que têm sido o subproduto da alienação da revolução com respeito ao povo, nos altares da qual ela foi feita, e dos objetivos que havia proclamado. Contudo, a despeito de todos os senões e reservas, os países do socialismo real constituem um contrapeso militar para os Estados Unidos e seus associados na OTAN.

Hoje em dia, são muitos os que questionam a natureza socialista destes países e, inclusive há quem assevere que não existe outro socialismo. Ambos os enfoques têm os seus pontos fracos. Na minha opinião, os países do socialismo real são socialistas no sentido estreito e não amplo da palavra. E suas perspectivas devem ser vinculadas com a capacidade de avançar até a ampliação dos elementos do socialismo na vida da sociedade. Para isto, é necessário antes de

mais nada, observar a transparência informativa, a fim de que se forme um consenso a respeito das idéias e prioridades da renovação. É importante liberar o enorme potencial científico existente; dar liberdade ao pensamento criativo. Nada há para temer. Estes países já têm amadurecido o suficiente e não correm qualquer risco ao ampliar as liberdades civis. Pelo contrário, isto impulsionará os processos da perestroika.

A questão chave do socialismo real é o seu relativo atraso tecnológico, o seu tardio acesso à época da revolução microeletrônica, cujo apogeu deverá se dar na quinta geração de computadores. Estes serão, num sentido próprio, "máquinas pensantes" construídas sobre uma base radicalmente diferente das atuais. O Japão se propõe a criar este tipo de máquina nos anos 90, o que reforçará sensivelmente a sua posição frente aos Estados Unidos. E é muito o que vai depender de quem quer que seja o primeiro em automatizar totalmente a produção. Isto já poderá ser literalmente uma realidade, dentro de uns 10 ou 20 anos. E aqueles países desenvolvidos que não lograram fazê-lo estarão relegados à condição de países "tão-somente" industrializados; quer dizer, de terceira ordem.

Os países do socialismo real, para não chegar a esta posição nada invejável, necessitam de uma estratégia que lhes permita superar o atraso, aplicar corretamente as forças intelectuais, utilizar recursos financeiros e sair do isolamento econômico. A solução de todos estes problemas se reduz à participação de todos os cidadãos na direção real da sociedade.

P — No seu livro, que mencionamos, há uma tese, de acordo com a qual é necessário revisar a teoria da transição do capitalismo para o socialismo. Assinala que este regime social de transição será

E aqueles países desenvolvidos que não lograrem fazê-lo estarão relegados à condição de países "tão-somente" industrializados, quer dizer, de terceira ordem.

uma "formação de economia coletivista" que surgirá no curso da atual revolução industrial, e que esta formação não será capitalista, pois terá acabado com o domínio da propriedade privada. Porém, ainda não será socialista, já que aquela conservará determinadas posições. Nesta ordem de idéias, como deverá se renovar o socialismo real?

R — Destacarei, resumidamente, que o modelo atual da economia ocidental é muito mais complexo e multidimensional que o dos países do socialismo real, e este fato freia o desenvolvimento da economia deste último. Porém, o retorno à economia de mercado, como força motriz, e o abandono da planificação envolvem anarquia e crise de superprodução. A saída deve ser buscada, no meu entender, na conjugação da planificação com a liberdade de iniciativa das empresas. Para isto, não é necessário entregá-las ao setor privado. As perspectivas do socialismo real não se encontram na repetição dos passos dados há muito pelo Ocidente, senão, na busca de soluções próprias e originais, proveitosas para a economia coletivista, e que estimulem o progresso tecno-científico, elevando o nível de vida e propiciando a atividade produtiva dos membros da sociedade. Tal é, talvez, o difícil caminho do socialismo real para o socialismo do futuro.